



Título: O Poder *Silenciador* da Mídia¹

Autora: Graciela Inés Presas Areu²

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

Face à constatação da violência reinante, ao aumento da sua divulgação, e, a presença cada vez maior nas diversas mídias das encenações das mais variadas formas de violência; que a nosso entender vem - de forma cada vez menos sutil - dissolvendo os laços sociais; aceitamos o convite do Prof. Evandro Ouriques para participar na busca das variáveis que estão no cerne da questão por um lado, e, por outro de refletir como, cada um de nós, em particular neste novo espaço público que é o espaço da mídia, poderemos intervir junto daqueles que se interessam pelo assunto, para buscar alternativas que contribuam com a não – violência. Esta reflexão é fruto do diálogo com os pensadores da Comunicação e da Psicanálise e com o Dr. Ouriques, coordenador dos trabalhos.

Palavras-chave

Mídia, poder, sujeito, violência, comunicação.

Introdução

Nestas páginas se propõe estabelecer uma *conversação* sobre o tema proposto para a Mesa: Mídia, Ética e Violência, tendo como base o texto apresentado no ano passado³ neste Núcleo de Políticas e Estratégias da Comunicação, em Brasília, pelo professor Dr. Evandro Ouriques e trabalhar as questões relativas a Mídia e a violência no âmbito das Ciências Sórias no geral e da Comunicação em particular, além de evidenciar meu atravessamento pela psicanálise freudiano-lacaniana.

O presente trabalho pretende ter rigor acadêmico na sua construção, mas segue os passos errantes que a pesquisa da complexidade contém em si mesma. Trata-se,

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Política e Estratégias da Comunicação

² Graciela Inés Presas Areu: Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela UAB em 2004 e 2002 respectivamente; Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP- 1993. Professora de Comunicação desde 1994, em diversas disciplinas e instituições na graduação e pós-graduação em Curitiba, PR, Brasil. Coordenadora do Projeto Experimental em Publicidade e Propaganda na PUCPR de 2000 a 2006. Desde 05/10/2006 Prof. no Dpto de Ciências da Comunicação da UFSM, Santa Maria RS. Publicitária, com 30 anos de experiência profissional. E-mail: gracielaapresas@hotmail.com

³ O texto de referência é cópia do texto que foi apresentado pelo Dr. Evandro Vieira Ouriques no VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Política e Estratégias da Comunicação, na UNB em Brasília, em setembro de 2006, intitulado: *O valor estratégico da Não – violência para o valor da Comunicação*.



portanto, de uma pesquisa bibliográfica, na qual se buscara sustentar alguns pressupostos, que serão enumerados ao longo do trabalho, sobre a relação proposta: mídia-violência; quanto à Ética sua presença se inscreve como uma ausência que fala de um lugar vazio de sentido na sociedade contemporânea.

Desenvolvimento

A Comunicação no centro da realidade social

Já iniciando o diálogo, se pretende por em ato nossa “.. capacidade efetiva de *conversação*, que implica em *auto-refletir e pensar*, de forma aberta, atividades que de fato são as mais eficazes práticas para estes tempos pós-modernos de *aceleração*.” (OURIQUES, 2006: 08) na medida em que, como o professor da UFRJ acredita-se que a palavra é a melhor arma de que se dispõe nesta luta desigual que as organizações sociais contemporâneas vêm travando pela sua subsistência.

Na nossa tese doutoral se escolheu Jürgen Habermas como base teórica – metodológica, justamente porque ele centra seu estudo da sociedade na ação comunicativa, partindo do pressuposto de que se poderiam dividir os atos comunicativos em dois grupos diferentes, uns orientados ao entendimento e outros orientados ao êxito, para o pensador alemão: “... a comunicação transcende uma disciplina em particular,..., Habermas pensa a comunicação no centro da realidade social, atravessando-a e ao mesmo tempo organizando-a.” (AREU, 2004: 2) nesta perspectiva ele coloca a comunicação como à disciplina que concatena as relações sociais, outorgando-lhe um papel estrutural no processo social.

Se o fenômeno comunicacional e sua prática social nos questionam é porque estão na origem da condição humana e da interação social, acreditamos que o lugar que por excelência evidencia a existência humana é o ‘campo simbólico’⁴, cientes que “... o suporte desta experiência é a natureza, mas as relações sociais são mediadas e se fazem possíveis por meio da ‘ação comunicativa’. Vemos diariamente que, quando o diálogo não é possível, a única alternativa são as armas. (AREU, 2004: 3)

Face à constatação da violência reinante, do aumento da sua divulgação, e, a presença cada vez maior nas diversas mídias das mais variadas formas de violência; que a nosso entender vem - de forma cada vez menos sutil - dissolvendo os laços sociais;

⁴ Refiro-me a conceição psicanalítica (freudiano-lacanaiana) do simbólico, segundo consta no Dicionário de Psicanálise organizado por Roland Chemama (1995:199) “O simbólico faz do homem um animal (“fala-ser”) fundamentalmente regido, subvertido pela linguagem, o que determina as formas de seu vínculo social...”



sente-se a necessidade de participar na busca das problemáticas que estão no cerne da questão.

Como o citado colega, pensa-se ser necessário estudar como a prática comunicativa poderia colaborar na *‘viabilização da convivência humana’*, e ainda mais, como docente entende-se importante verificar como pode-se estimular aos alunos, entanto futuros atores e produtores midiáticos, a uma reflexão sobre as questões éticas ligadas a nossa área em particular neste novo espaço público que é o espaço da mídia por um lado, e, por outro a refletir sobre como, cada um de nos poderá intervir para buscar alternativas que contribuam com a diminuição da violência, junto daqueles que se interessam pela existência da sociedade humana.

Inácio Ramonet descreve os elementos que compõem a Era da Informação face à possibilidade do tratamento digital da informação; nas suas palavras:

A aparição da multimídia, cujo impacto tem sido equiparado à invenção da prensa por Gutemberg, situa o sistema informacional no umbral de uma profunda revolução, que coincide com sua progressiva perda de credibilidade... A articulação do televisor, o computador e o telefone têm criado uma nova máquina de comunicar, interativa e baseada nas possibilidades do tratamento digital da informação. Reunindo os múltiplos avanços que tem experimentado as mídias, até agora dispersos (...), a multimídia e a Internet significam uma ruptura e poderiam transformar todo o campo da comunicação, não só pelos aspectos tecnológicos senão também na esfera econômica. (RAMONET, 1998: 9-10)

Hoje em dia os sistemas de informação são os que movimentam mais recursos na economia mundial contemporânea, Aguadero (1997) destaca que na acepção ampla do termo, o mundo da comunicação, “... já é o principal vetor econômico em muitas partes do globo terráqueo. Na sociedade da informação esta última é o maior fator de produção, ..., o que reforça o caráter informacional da economia” (AGUADERO, 1997: p.16) Esta centralização que, não mais lentamente, vêm se operando; evidencia o fracasso do modelo econômico liberal, que justamente se sustenta na possibilidade da existência do livre mercado.

Mercado que, para ser livre, supõe igualdade de participação a todos os membros, que deveriam chegar ao mesmo em condições iguais tanto pela oferta, quanto pela demanda, parece evidente que as regras do jogo mudaram com o novo modelo econômico, também morre a expectativa liberal, e as transformações são tanto profundas quanto inevitáveis. A concentração da Mídia, ou seja, dos diversos meios e



veículos de comunicação, na mão de cada vez menos empresários– em particular na mão daqueles que lideram a Ordem Global que se tem consolidado - suscita forte preocupação entre os pesquisadores e os cidadãos.

O atual sistema político, filho da modernidade, baseia-se na possibilidade das pessoas escolherem os governantes, em virtude da transparência da coisa pública, garantida pela informação. O deslocamento do papel dos meios - de informar para entreter a qualquer custo, em qualquer situação - passa a ter importantes conseqüências no cenário sóciopolítico mundial; para Habermas este fato irá questionar a legitimidade do sistema político democrático e a possibilidade da existência da transparência necessária ao seu funcionamento.

Pensar a crise social

Alain Touraine (2006: 31) explicita que não falaria em crise social, “da ascensão da violência não social e do sujeito pessoal se todos os fenômenos não foram já constatáveis ao nosso redor e dentro de nos.”⁵ Sugere que há três manifestações, ligadas entre si, que decorrem do ocaso do social, produzindo um aumento da violência, que busca no sujeito pessoal o recurso último, estes temas são: 1. A decomposição da sociedade, 2.A ascensão de forças situadas ‘por cima’ da sociedade: a guerra, os mercados, o comunitarismo, a violência pessoal e inter-pessoal por último: 3O apelo ao individualismo como principio de uma <moral>.(TOURAINÉ, 2006: 44)

A questão da globalização, para além da questão dos intercâmbios internacionais, nos enfrenta a “... separação entre a economia e a sociedade, separação que leva em si a destruição da idéia mesma de sociedade.” (TOURAINÉ, 2006: 48) observa a separação entre a potencia objetiva dos EUA e a resistência subjetiva, seja religiosa, nacional, e outras de grupos ou nações que não mas conseguem se defender se não é de forma subjetiva, a partir da apelação a sua condição étnica ou a sua historia. Para o sociólogo francês, quando esta “... subjetividade e esta exigência de identidade se desenvolvem num vazio político [é] quando as relações entre as nações podem se reduzir a uma guerra entre adversários definidos pelos seus cultos, suas religiões ou suas leis.” (TOURAINÉ, 2006: 48)

Fica difícil aos indivíduos a construção duma identidade única, forte o suficiente para fazer frente à violência que eles sofrem, a sociedade não é mais um refugio, o

⁵ Traduzido pela autora.



sociólogo faz um retrato da situação pela qual atravessam hoje os europeus: “... como muitos outros habitantes do planeta, vivem uma multiplicidade de tempos e espaços. Pensam-se a si mesmos simultaneamente no nível local, regional, nacional mundial e incluso europeu.” (TOURAINÉ, 2006: 54) Conservam pouco mais que uma vaga memória nacional, ‘quando não vivem um presente sem passado nem porvir’, o pensador exemplifica: os italianos não se parecem mais como os holandeses que antes, ou seja, a fragilização das identidades nacionais não esta sendo compensada com a formação de ‘uma identidade continental’.

Esta dissolução dos conjuntos sociais e culturais fechados põe em movimento forças transformadoras cada vez nos menos controláveis; mas ao mesmo tempo liberta no sujeito sua relação com ele mesmo, e pode acordá-lo para uma consciência de liberdade e responsabilidade que antes estivera sujeita aos mecanismos institucionais, ainda que crie as condições para o surgimento de novos atores e novos tipos de cultura e sociedade, conduz também a uma submissão cada vez mais completa à dominação pelo mercado. Ao sair da idéia de ‘sociedade’ se percebe a “...instalação do paradigma cultural [que] põe em primeiro plano a reivindicação dos direitos *culturais*. Esses direitos se expressam sempre pela defesa de atributos particulares, pero conferem a essa defesa um sentido universal.” (TOURAINÉ, 2006: 258)

Nestas instancias sociais passa a existir uma consciência cada vez maior da nossa existência em comum, da nossa interdependência, *o outro* é fundamentalmente aquele cuja historia não esta separada por completo da minha própria história. Parece que se pode afirmar que o novo paradigma que ele propõe deposita o conceito de *universal* no sujeito entanto detentor de uma cultura humana partilhada.

A mídia no Poder?

O Discurso do Poder, o Poder do Discurso, ou o Discurso no Poder? esta relação bi-univoca tão estudada por Foucault na ordem do discurso nos permite entender porque nos dias atuais a Mídia, entanto espaço de construção do discurso social, é percebida como a materialização do Poder; isto não é mais questionável, está claro; mas frente a esta constatação, cabe se perguntar: De que poder se trata?

Neste, nosso mundo, cada vez mais protagonizado através dos meios, que aos poucos, tem ido tomando conta de todos os espaços da convivência social, *as notícias foram se convertendo em espetáculo e os espetáculos em notícia*, cumprindo o presságio de Guy Debord.



Por seu lado Jürgen Habermas (1993:34) destaca uma outra característica desta época, no *Passado como Futuro* ele aponta que “... muitos dos rasgos da <era da informação> se assemelham às mais primitivas das formas sociais e políticas: a sociedade caçadora e coletora. Em tanto que os nômades e os caçadores não possuem uma relação de fidelidade com o território...”.

Retrocesso este que também é destacado por Lewis Lapham⁶, quem coloca em evidência o grau de mistificação crescente na atualidade, nas suas palavras:

Como nas antigas crenças pagãs, os meios de comunicação em massa concedem a primazia ao pessoal frente ao impessoal,... os nomes primam sobre as coisas, aos atores sobre os atos. (...) Nos anúncios televisivos, e nos cartazes ,..., celebridades de diversa magnitude, como ninfas, sátiros ou faunos da mitologia antiga, se convertem nos espíritos dos carros, das câmaras, dos computadores e dos agentes de bolsa... ” (LAPHAM, 1996:19)

Ou seja há uma tendência a coisificação dos seres humanos e a humanização dos objetos, conceito este retomado recentemente por Máximo Canevacci (2007) na conferência de encerramento do Intercom Regional Sul⁷. A diferença dos autores supracitados o antropólogo italiano evita uma leitura valorativa; nos desafia com a constatação de que o conceito de sociedade não mais serve para explicar o que acontece na contemporaneidade.

Para o professor da Universidade de Roma, o novo tipo de cidade baseada no consumo, que ele chama de ‘nova metrópole comunicacional’ nos depara com a coexistência de territórios de forma material e imaterial, e, oferecem uma dimensão de multiplicidade, de coexistência de elementos muito diferentes baseados no conceito de identidades múltiplas, não mais uma identidade *fluida*⁸, este sujeito da metrópole comunicacional que possuiria múltiplas identidades, ele o denomina: *multividuo*. O mesmo envolve um espírito crítico para além do estado-nação, ele o situa no pós-dualismo sujeito-objeto, diferenciando-o da tradicional oposição entre o orgânico e o não-orgânico; num sincretismo que não consegue criar síntese. O antropólogo visual anuncia: é fundamental desenvolver o olhar. Na contemporaneidade se colocam em

⁶ Lewis Lapham, diretor do MIT é o autor da Introdução à edição atualizada do texto *Compreender los medios de comunicación*. Editado pela Editorial Paidós em Barcelona, em 1996.

⁷ Intercom Regional Sul, 10 a 12 de maio de 2007, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo – RS. As observações atribuídas ao Professor Máximo Canevacci são fruto das anotações realizadas pela autora durante a conferência.

⁸ Referência ao conceito gerado por Zygmunt Bauman



evidencia os contrastes; existe um fetichismo visual, se constata uma potencialidade de cruzar espaços e tempo diferentes misturando-os.

Voltando a McLuhan, como pesquisador se dedicou a observar os efeitos transformadores que foram produzidos pela comunicação, e as diversas formas de mediação que foi assumindo a linguagem ao longo do tempo, nas suas pesquisas constata que a invenção do alfabeto foi à primeira tradução ou redução de um complexo e orgânico intercâmbio de espaços num único espaço: “O alfabeto fonético reduz o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual.” (MCLUHAN, 1977:76), mais tarde ele descreve os meios como *extensões do homem*, ele parte da premissa de que “... modelamos nossas ferramentas e posteriormente elas nos modelam.” (MCLUHAN, 1996: 34); sustenta que os meios auxiliam a ordenar as percepções do mundo; quarenta anos atrás ele vaticinou: *as tecnologias incipientes dão lugar a novas estruturas de sentimentos e de pensamentos*.

O historiador canadense descreve o efeito que o surgimento dos meios elétricos desencadeia na arte, para ele o cubismo anuncia que *o meio é a mensagem* ao capturar a percepção instantânea e total, destaca que a idéia *integral de estrutura e de configuração* passa a ser predominante na ‘idade elétrica’. Lewis Lapham (1996) sugere que Marshall McLuhan:

...resulta mais convincente... , quando fala dos efeitos atuais, ... seu livro *Compreender os meios...* descreve o mundo que vejo nas notícias da CBS, em Disneylândia, nos centros comerciais..., nas revistas de moda, um mundo no qual os seres humanos se convertem em bens (vendidos em camisetas ou convertidos em séries de dígitos), um mundo no qual, como uma vez assinalou Simone Weil, <é a coisa que pensa e o ser humano foi reduzido ao estado de coisa>, um mundo no qual as crianças tem dificuldades para conceber um tempo futuro, além do presente imediato e evangélico, um mundo de gente que vive seus próprios filmes e escuta suas próprias bandas sonoras, uma terra do nunca - jamais, onde a memória histórica conta tão pouco como a principiante do ano passado, onde a criança discapacitada ganha na loteria, as jovens do coro estudam grego antigo e as lições da experiência nunca contradizem os milagres do paraíso recuperado”. (LAPHAM, 1996: 18)

O historiador canadense destaca que Harold Innis, seu mentor, foi o primeiro a perceber que nas formas da tecnologia dos meios de comunicação fica implícito o processo de mudança da organização social, é o caso da palavra impressa que levará ao *nacionalismo*, em substituição ao *tribalismo* próprio da cultura oral. Sugestiva

observação que nos remete a ‘renovação’ que o conceito de tribo vem sofrendo nos dias atuais.

A (im)possível divisão do sujeito?

McLuhan associa a transformação da experiência da percepção ao que ele chama de ‘tecnologia alfabética’ ou seja, a construção dos códigos que permitirão a representação das representações, nas suas palavras: “O mundo dos gregos demonstra (...) que as aparências visuais não podem interessar [a] um povo que não tenha antes ‘interiorizado’ a tecnologia alfabética” deste modo, a exemplo de Ulisses “... o herói grego virou um homem fragmentado” (MCLUHAN, 1977: 85-87)

Esta fragmentação ou divisão manifesta-se nos modelos de pintura ou na maquinaria representativa de situações complexas que o homem tribal ou auditivo não se preocupou em visualizar. Este homem ‘dividido’, ‘cindido’ pela linguagem será descrito na teoria psicanalítica pelo aporte de Freud e posteriormente na obra de Lacan. Este último discorre no Seminário 11:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de forma inaugural as relações humanas, lhes dão estruturas, e as modelam. (LACAN, 1964:26)

Poderia se dizer também que a causa da divisão do sujeito, evidenciada na metáfora freudiana a partir da saída da mãe do quarto da criança, será a que permite a instalação da possibilidade da representação, essa *falta* que se faz *presença* instala-se como *causa*, transformando a criança em um ser desejante que se vê obrigada a representar a mãe ausente..

Para Lacan a linguagem permite a emergência do sujeito do inconsciente na operação significante, entanto o individuo se vê forçado a dar nome àquilo que se opõe ao que conhece, ele observa que no mesmo ato da instauração significante algo escapa a representação, instalando-se simultaneamente uma *falta*, algo que não pode ser dito (quem de nos não percebeu alguma vez que lhe faltavam as palavras para expressar o que sente). Caberia perguntar se não é exatamente neste instante, neste lugar que o sujeito se reconhece a ‘si mesmo’, como um diferente dos outros? Se não é cabível pensar que o individuo, nesta posição de observador - alguém que está fora da cena - se



constitui como um sujeito cuja percepção não se encaixa com a percepção que os outros têm.

Que acontece quando não é possível esta ‘divisão do sujeito’?

Impedindo o conflito? – silenciando as diferenças?

Que acontecerá quando aqueles que constroem a realidade social, que detêm o poder do discurso, aqueles que deveriam colaborar na constatação da equivocidade - que é própria da linguagem - não abrem lugar ao mal-entendido, impedindo a instalação do conflito?.

Que sucede quando se busca silenciar as diferenças, em nome do *politicamente correto*, ou da necessidade de *padronizar* para evitar as desigualdades?

Que sucede quando o sujeito não mais pode se deparar com: *a diferença*?

Ou quando os sujeitos são convocados a aceitar um dizer que se constrói fora deles, como uma verdade única, totalizante, que pretende dar conta da realidade?

O Diretor de *Le Monde Diplomatic*, Ignácio Ramonet denomina de Pensamento Único esta tentativa totalizante da mídia contemporânea, conseqüência da concentração dos meios nas mãos de cada vez menos empresas, e particularmente daquelas que lideram a atual ordem global, o que suscita uma forte preocupação na possibilidade de sustentação da cidadania. Nas palavras do jornalista a atual situação de concentração do poder dos meios de comunicação lembra os “... chamados de alerta de George Orwell e Aldous Huxley..., e temor diante da possibilidade de um condicionamento sutil das mentes a escala planetária.” (RAMONET, 1998: 11)

Buscando encaminhar as perguntas levantadas, citamos a afirmação de Lacan no Seminário 11, ele observa que, quando “... a primeira dupla significante se solidifica” se poderia dizer que se esta na frente de algo da “... mesma ordem do que se trata na psicose. Essa solidez, esse apanhar a cadeia significante primitiva em massa proíbe a abertura dialética que se manifesta no fenômeno da crença”. Por tanto, para o psicanalista francês, se desaparece a certeza de que “... a crença vai desvanecer-se, haveria a ausência de um dos termos que designa a divisão do sujeito, haveria de fato uma crença que fosse plena, como na psicose.” (LACAN, 1964, 229)

Temos nos perguntado quais os efeitos que produz um discurso fechado, pleno, que vem no lugar da própria percepção? Esta percepção que é interna própria de *si mesmo* – do indivíduo - que faz com que ele, *ele mesmo*, possa ter dúvidas, permitindo-



lhe perceber que algo, ali, não fecha. Lacan nos responde que há o risco de uma montagem psicótica.

Que violência é essa gerada por um discurso que não permite aos sujeitos se perceberem como *eles mesmos*, mas que os mantém colados a uma imagem que vem pronta para ser consumida?

A violência opressora de uma *verdade silenciada* me lembra o relato de uma conhecida, cujo filho após três dias de acompanhar as matérias jornalísticas exibidas pela televisão sobre os eventos do dia 11 de setembro no WTC, mostrando um visível mal-estar pede para sua mãe: Mãe quero ver o filme! Estou cansado do trailer!

Nesta altura poderíamos falar do *Poder Silenciador da Mídia*, poder que tira o receptor do lugar de espectador e o transforma em testemunha virtual, participante de cenas que se sente muitas vezes obrigado a silenciar, como cúmplice do horror que elas mostram.

Quarenta anos depois das afirmações de Lacan, Charles Melman (2004) fundador da Associação Lacaniana Internacional, em entrevista publicada na Revista Isto É, observa que:

O sujeito não é mais dividido, não se interroga sobre a própria existência. Como faltam referências, o indivíduo se vê exposto, frágil e deprimido, necessitando sempre de confirmação externa. Assim *o eu* pode se ver murcho, em queda livre, gerando uma frequência de estados depressivos diversos. (ISTO É, 2004)(itálico da autora)

Melman responde nossa pergunta afirmando não mais existir a divisão do sujeito, e cita a depressão como um dos efeitos observáveis desta situação, simultaneamente ele afirma: “Há uma formidável liberdade, mas ela é estéril para o pensamento. Nunca se pensou tão pouco. O trabalho do pensamento é comandado por aquilo que produz obstáculo. Mas nada mais representa obstáculo, não sabemos o que há para pensar.” (ISTO É, 2004) Paradoxalmente pode-se perceber que a falta de limite de um mundo sem lei, não liberta, mas escraviza.

Considerações Finais

A divisão do sujeito, a instauração dessa falta impossível de preencher, joga ao indivíduo numa procura incessante, essa busca *do que falta* tem permitido o desenvolvimento da condição humana, tem estimulado a formação das organizações humanas, este processo vem fomentando a constituição de novos discursos. Neste movimento incessante, e criativo, de uma repetição que não se repete, foi-se construindo



a riqueza intelectual e artística que é o patrimônio da humanidade. Cabe a esta altura se perguntar: O que faremos com ele? Iremos preservá-lo Como? Para que? Permitiremos que seja destruído Porque?

Continuar a sustentar este patrimônio, é a nosso entender o maior desafio da atualidade, frente à violência a qual os indivíduos estamos expostos, independente do lugar onde moramos, do gênero ao qual pertencemos, da nossa condição social ou intelectual.

O Dr Evandro nos estimulou a pensar como contribuir para a disseminação da não – violência. A partir do dito, e desde o lugar do meu atravessamento pela psicanálise, cada vez me parece mais visível que, o lugar da fala, na sua contribuição com um discurso *outro*, que esteja fora do pensamento único, e possa ‘colocar uma espinha no costado da realidade social’ como sugerira Habermas, é a nossa contribuição possível.

Por este motivo, busca-se intentar *provocar* esse gozo outro, este outro gozo que é o que nos permite o uso da palavra, aquela com que Lacan nos desafia quando relata a experiência que esta vivenciando naquele momento durante o seminário, como equiparável à experiência amorosa.

Quantas vezes não nos identificamos pessoalmente com esta situação? Quantas vezes ao encontrar-nos em situação semelhante a que estamos vivenciando ao escrever este texto, percebemos o grande prazer que nos traz a busca de sentido!

É neste lugar que os convocaria a pensar, descolados dos meios e dos discursos prontos.

Muito Obrigada pela escuta!

Santa Maria, 2007-05-29

Referências bibliográficas

AGUADERO, Francisco. *La Sociedad de la Información*. Madrid, 1997.

AREU, Graciela Inés Presas. *La transformación del Espacio Público Brasileño, o como la irrupción del Marketing afecta a la Comunicación Política*. Tese doutoral orientada pela prof. Dra. Teresa Velázquez García-Talavera, na Escola de pós-graduação da Faculdade de Jornalismo e Ciências da Comunicação e da Informação, da Universidade Autônoma de Barcelona UAB – Espanha. Defendida em dezembro de 2004.



BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

CHEMAMA, Roland. (org.) *Dicionário de Psicanálise*. SP, Companhia das Letras, 1995.

DUFOUR, Dany-Robert. *Lacan e o espelho sofiânico de Boehme*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 1999

FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura*. Madrid, Alianza Edtl. (1ª edición 1970) 20ª impresión, 1996
GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Historia y Crítica da Opinión Pública*. Barcelona, Gustavo Gili, 1994

_____. *Passado como Futuro*. Rio de Janeiro, Tempo Moderno. 1993.

IMBERT, Gerard. *El zoo visual. De la televisión espectacular a la televisión especular*. Barcelona, Gedisa, 2003.

LACAN, Jacques. *A relação de objeto e as estruturas freudianas: Lição 21/11/56*. Porto Alegre, APOA, 1992

LACAN, Jacques. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LANDOWSKI, Eric. *A Sociedade Refletida*. São Paulo, EDUC/Pontes, 1992. 213 pp

LAPHAM, Lewis. Introdução a la edición de la MIT Press: El ahora es eterno. In: MCLUHAN, Marshall *Comprender los medios de comunicación: Las extensiones del ser humano*. Barcelona, Paidós, 1996. pp.: 09-22.

MCLUHAN, Marshall *Comprender los medios de comunicación: Las extensiones del ser humano*. Barcelona, Paidós, 1996.

_____. *A Galáxia de Gutenberg*. SP, Nacional, 1977.

MELO Neto, Francisco de Paulo. *Marketing do Terror*. São paulo, Contexto, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Lo visible y lo invisible*. Barcelona, Editorial Seix Barral, 1970.



NIETZCHE, Friedrich, VAIHINGER, Hans. *Sobre verdad y mentira*. Madrid, (1ª edición 1990), 3ª edición, Edtl Tecnos, 1996.

RAMONET, Ignácio, *La tiranía de la comunicación*. Madrid, Edtl. Debate, 1998.

_____. *Guerras del Siglo XXI: nuevos miedos, nuevas amenazas*. Buenos Aires, Mondadori, 2002.

SEARLE, John R. *La construcción de la realidad social*. Barcelona, Paidós Ibérica, 1997. 236 pp.

TOURAINÉ, Alain. *Los mass media: ¿Nuevo foro político o destrucción de la Opinión Pública*. Barcelona, Centre de Investigació de la Comunicació, Generalitat de Catalunya. 1996.

_____. *Un nuevo paradigma para comprender el mundo de hoy*. Buenos Aires, Paidós, 2006.